

PERDAS E DANOS

Como podemos cuidar do
nosso território para não
perder o que amamos?

Reunindo histórias do Jardim Pantanal
(São Paulo, Brasil), Kibera (Nairóbi, Quênia)
e Kalibaru (Jacarta, Indonésia)

Este livro aborda
temas sensíveis.
Recomenda-se a
leitura acompanhada
por um adulto.

Adaptado do relatório “Perdas e Danos em assentamentos
informais urbanos” (UNU-EHS, MCII e Misereor)





PERDAS E DANOS

Como podemos cuidar do nosso
território para não perder
o que amamos?

Reunindo histórias do Jardim Pantanal
(São Paulo, Brasil), Kibera (Nairóbi, Quênia)
e Kalibaru (Jacarta, Indonésia)

Adaptado do relatório “Perdas e Danos em assentamentos
informais urbanos” (UNU-EHS, MCII e Misereor)

Iniciativa



URBANIZAR

Apoio



UNU
EHS



Título da obra

Perdas e Danos – Como podemos cuidar do nosso território para não perder o que amamos?

Autoria original

Universidade das Nações Unidas (UNU-EHS), Munich Climate Insurance Initiative (MCII) e Misereor

Baseado em

Relatório Perdas e Danos em Assentamentos Informais Urbanos

Título original (em inglês)

Loss and Damage in Informal Urban Settlements

Tradução

Ada Felix

Adaptação inicial

Matheus Tanajura

Texto final

Leila Maria Vendrametto
Laís Cristina Malaquias Avelino
Lucas Turmena

Direção de arte

Laís Cristina Malaquias Avelino

Identidade, Ilustrações e Capa

Flora Tavares
Matheus Tanajura
Yan Cloud

Projeto editorial

Estúdio liga.design

Colaboradores

Diogo Guilherme Feliciano Rodrigues
Gabriel Maia Salgado
Guilherme Lobo Pecoral
Isabela Minelli D'Andréa
JP Amaral
Júlia Otsuka Yamazoe
Luiz Henrique Gonçalves Nickel
Marcia Covelo Harmbach
Priscila Okama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vendrametto, Leila Maria
Perdas e danos : como podemos cuidar do nosso território para não perder o que amamos? / Leila Maria Vendrametto, Laís Cristina Malaquias Avelino, Lucas Turmena. -- São Paulo : Instituto Alana, 2026.

ISBN 978-65-88653-41-8

1. Educação ambiental 2. Meio ambiente - Aspectos sociais 3. Mudanças climáticas 4. Políticas públicas 5. Território I. Avelino, Laís Cristina Malaquias. II. Turmena, Lucas. III. Título.

26-350811.0

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação ambiental : Ecologia humana 304.2

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

INSTITUTO ALANA**Presidente**

Ana Lucia de Mattos Barretto Villela

Vice-Presidentes

Alfredo Egydio Arruda Villela Filho
Marcos Nisti

Co-CEO

Flavia Doria
Isabella Henriques
Pedro Hartung

Tesoureiro

Daniel Costa

Chief Financial Officer, CFO

Carlos Vieira Júnior

Chief Communications Officer, CCO

Fernanda Flandoli

Diretora de Expansão

Mariana Mecchi

Diretora de Pessoas e Cultura

Renata Lirio

PROJETO URBANIZAR**Coordenação**

Leila Maria Vendrametto

Equipe

Isabela Minelli D'Andréa
Laís Cristina Malaquias Avelino
Luiz Henrique Gonçalves Nickel

UNU-EHS

Lucas Turmena
Simone Sandholz

ESTÚDIO LIGA.DESIGN

Flora Tavares
Matheus Tanajura

© Esta publicação contou com a cooperação da United Nations University – Institute for Environment and Human Security (UNU-EHS) em sua elaboração. Agradecemos aos moradores, profissionais, ativistas, lideranças comunitárias e entes públicos que contribuíram de forma valiosa para a construção da pesquisa original que deu origem a este livreto.



1

Introdução

18

2

Por que o clima
está mudando?

54

3

Quais são
as perdas e
os danos?

70

4

Histórias das
comunidades

88

5

As comunidades
como parte da
solução

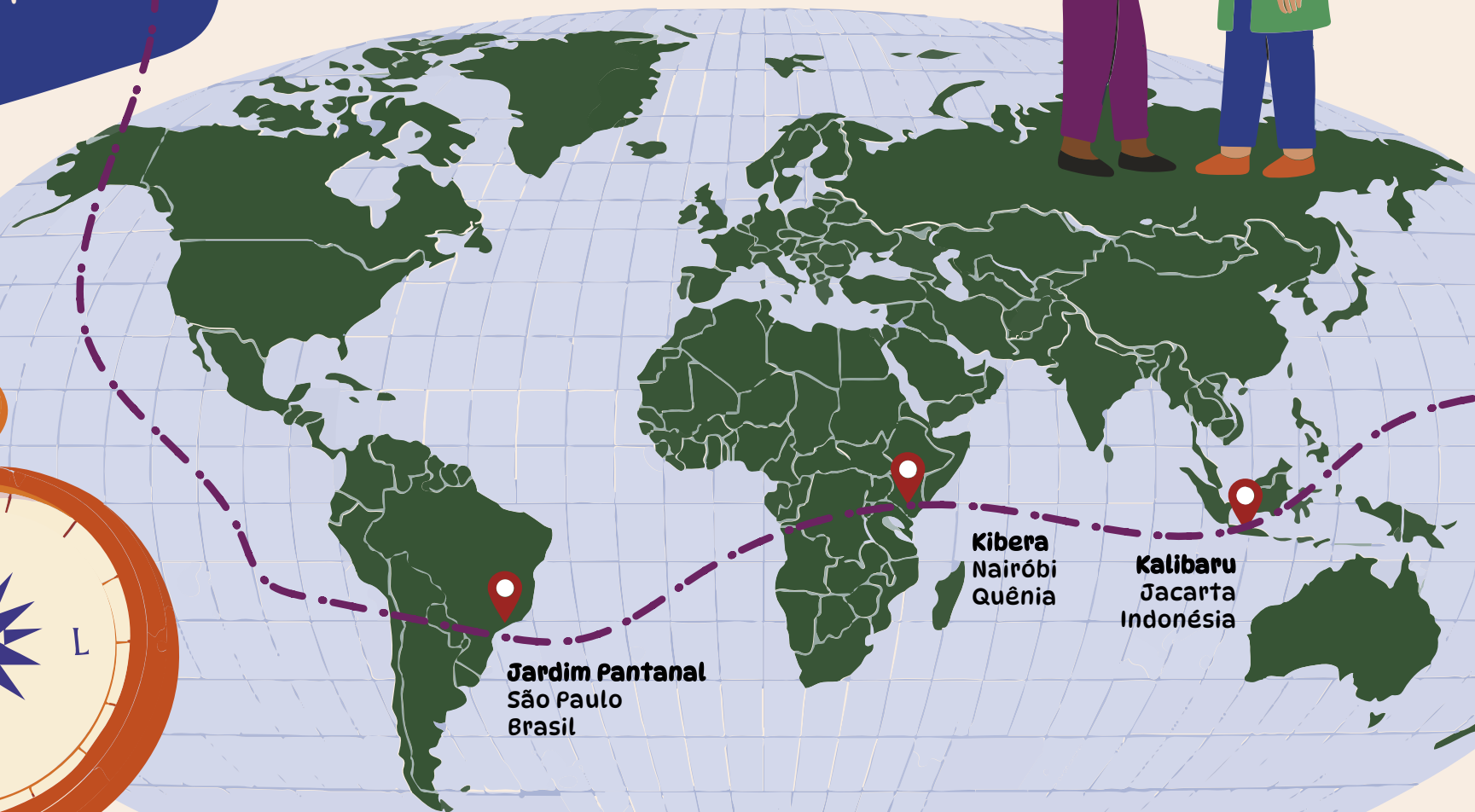
104

GUIA DE LEITURA

Este livreto nasceu de uma **pesquisa feita em três países!**

Buscamos entender como a emergência climática está afetando a vida das pessoas, principalmente aquelas que moram em bairros construídos pelas próprias mãos das comunidades.

O objetivo deste estudo é mostrar que **bairros localizados em países do chamado Sul Global** são os que mais sentem os impactos da mudança do clima.





No Brasil, ela contou com o apoio de moradoras, moradores e também pesquisadores do **Jardim Pantanal**, que compartilharam suas histórias e experiências.

A pesquisa foi desenvolvida pela **Universidade das Nações Unidas** junto com organizações internacionais como a **Iniciativa de Seguros Climáticos de Munique (MCII)** e a **ONG Misereor**, da Alemanha.



Quando acontece um desastre, essas comunidades passam por perdas importantes.

Algumas pessoas podem perder:

- * suas casas
- * seus documentos
- * fotografias e as lembranças que elas trazem
- * objetos pessoais
- * dinheiro

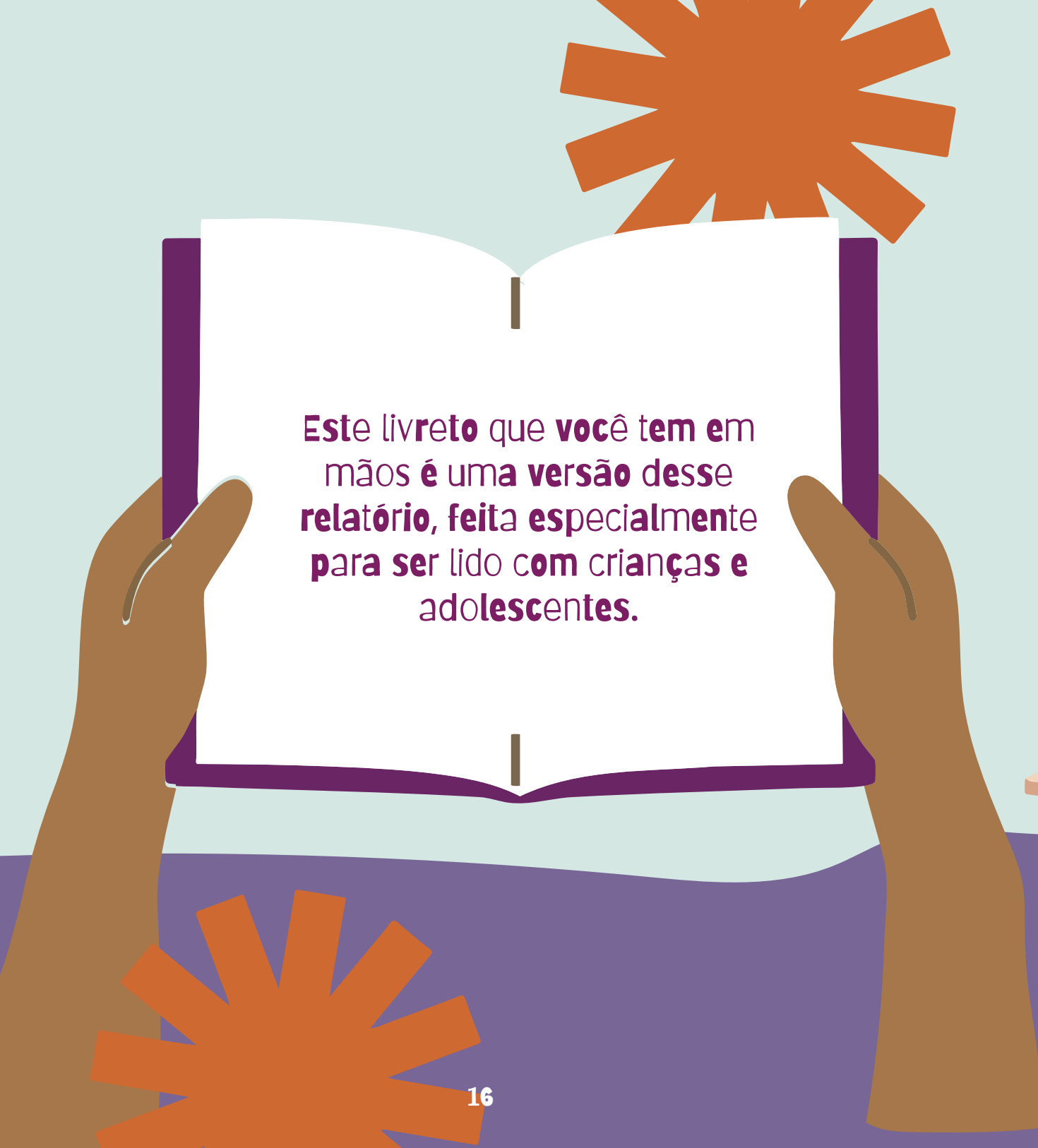
A saúde das pessoas também pode ser afetada.




Mas, estes episódios, também mostram **força e solidariedade** para seguir juntos e em frente.

Foi ouvindo as vozes dessas comunidades que surgiu o relatório chamado **“Perdas e Danos em assentamentos informais urbanos”**.





Este livreto que **você tem em mãos** é uma **versão** desse **relatório**, feita **especialmente para ser lido com crianças e adolescentes**.



Aqui, os dados e as descobertas da pesquisa se transformam em uma conversa para ajudar a entender melhor o que está acontecendo e lembrar que **cada um de nós é responsável por cuidar desses territórios**.

1



INTRODUÇÃO

**Você já reparou
como o tempo
anda diferente
por aqui?**



20

**Antes, quando chovia, a água
demorava mais tempo para encher
as ruas. Agora, basta uma chuva
rápida para tudo ficar alagado.**



**Em outros dias, o calor fica tão
intenso que estudar, brincar ou
até dormir se torna difícil.**

21

**Essas mudanças
atrapalham a rotina
de muitas famílias.**

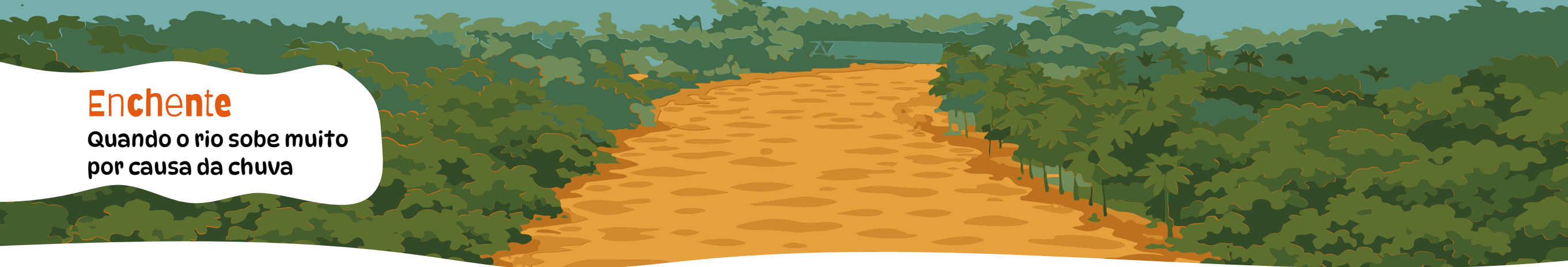
Quando chove muito e a água sobe, ficamos preocupados com nossas casas, porque essa situação pode causar danos.

Também pode ser difícil ir à escola ou ao trabalho, pois, no caminho, podemos encontrar enchentes, alagamentos ou inundações.



Enchente

Quando o rio sobe muito por causa da chuva



Alagamento

Quando a água da chuva fica parada



Inundação

Quando o rio sobe muito, invadindo ruas e casas



Quando a chuva vira inundação

Não é normal quando um desses eventos alaga a nossa casa.

Isso não acontece só aqui. Em muitos bairros ao redor do mundo, especialmente em países do chamado Sul Global, as pessoas também vivem essas situações.

O Sul Global é uma forma de falar de países que, em geral, têm menos recursos para enfrentar problemas difíceis. Isso está ligado a injustiças que vêm de muito tempo, como processos de exploração que também aconteceram no Brasil.

E quando a água invade as casas, os impactos vão muito além do chão molhado.

Agora, vamos conhecer três bairros, em diferentes partes do mundo, onde essas e outras situações fazem parte da vida de muitas pessoas:

o Jardim Pantanal, em São Paulo, no Brasil;
Kibera, em Nairóbi, no Quênia; e
Kalibaru, em Jacarta, na Indonésia.





JARDIM PANTANAL

São Paulo, Brasil

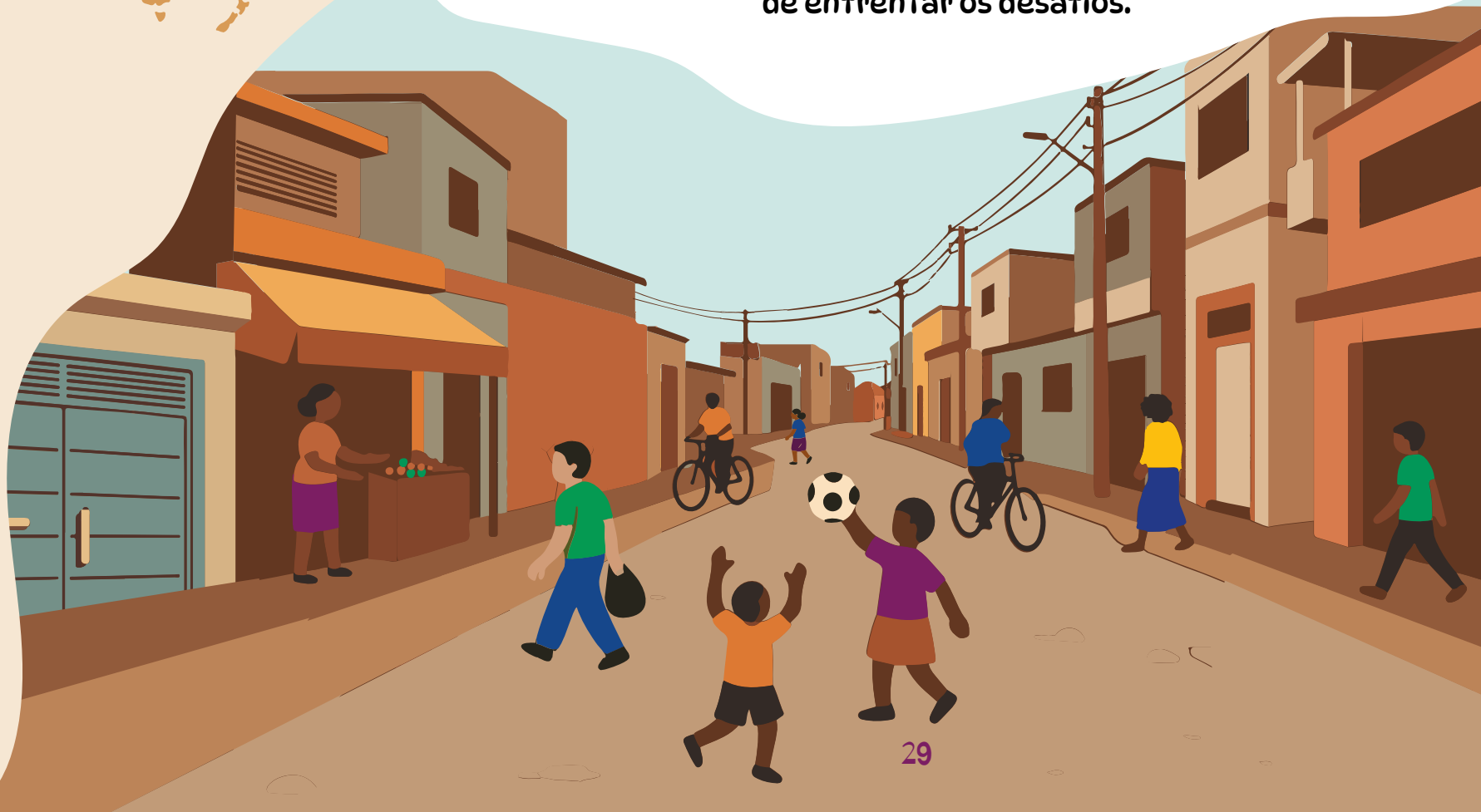
O **Jardim Pantanal** é um bairro que fica na cidade de São Paulo, perto do rio Tietê, onde muitas famílias construíram suas casas ao longo dos anos.

As ruas são movimentadas: crianças brincando, gente indo e voltando do trabalho, feiras e pequenos comércios. É um lugar cheio de histórias.

Mas, por estar perto do rio e em uma área baixa, o bairro sofre com **alagamentos e inundações**.

Além das águas, o **calor muito intenso** também afeta a comunidade e torna os dias mais difíceis.

Ainda assim, o **Jardim Pantanal** é também **um lugar de resistência** onde vizinhos se ajudam, famílias se apoiam e a comunidade segue inventando maneiras de enfrentar os desafios.





Às vezes, acontecem enchentes mesmo quando não está chovendo ali por causa das águas da chuva que vêm de outros bairros.

No **Jardim Pantanal**, a inundação pode começar em poucos minutos, mas a água pode levar dias para baixar e as ruas secarem.

Algo parecido acontece em Kibera...



Ali, muitas famílias moram juntas em casas pequenas e frágeis, feitas de madeira, barro e chapas de metal. Nem sempre há água limpa, eletricidade ou esgoto seguro, e fica difícil se proteger da chuva ou do sol.

Quando faz muito calor, as casas de metal esquentam rapidamente, o ar fica abafado e é difícil descansar, estudar ou dormir.

KIBERA

Nairóbi, Quênia

Kibera é um bairro muito grande e cheio de vida no **Quênia**, um país da **África**.

As crianças brincam nas ruas, as famílias se apoiam e as pessoas trabalham duro para cuidar umas das outras e do bairro. É um lugar vibrante, mas que também enfrenta muitos desafios.





E quando chove em **Kibera**, as comunidades enfrentam ruas **alagadas** e cheias de lama. Outro bairro que passa por isso é Kalibaru...



KALIBARU

Jakarta, Indonésia

Kalibaru é um bairro de **Jakarta**, a capital da **Indonésia**, um país formado por milhares de ilhas. Fica perto do mar e tem muitos barcos.

Várias pessoas pescam, cultivam mariscos e trabalham no comércio da região. As ruas são estreitas e movimentadas, com mercados, lojinhas e crianças brincando entre as casas.

Mas o maior desafio vem do próprio mar. A maré está subindo cada vez mais e, em alguns momentos, a água avança sobre o bairro, alagando ruas e entrando nas casas. Aos poucos, ela toma partes do território.



Em **Kalibaru**, as famílias precisam se organizar para proteger suas casas e reconstruir o que foi danificado.

Também precisam encontrar formas de continuar vivendo ali, perto do mar.

O mar, que garante o sustento de muitas dessas famílias, ao mesmo tempo, também traz desafios.

Cada lugar tem a sua realidade, mas vários compartilham dificuldades que afetam a casa, a saúde e até o bolso das famílias.

Jardim Pantanal, Kibera e Kalibaru passam pelos mesmos problemas e têm outras coisas em comum também, como, por exemplo, casas em áreas de risco e falta de saneamento básico.



Desafios compartilhados

As casas, muitas vezes construídas pelas próprias famílias, ficam em áreas baixas ou perto de rios. Esses locais são chamados de áreas de risco, pois podem passar por alagamentos e inundações.

Em alguns lugares, faltam serviços importantes, como **saneamento básico***, que é um cuidado do bairro para que todos vivam melhor.

Sem saneamento básico adequado, como rede de esgoto, drenagem da chuva e coleta de resíduos, a água volta suja para dentro das casas. Quando chove forte, a rua enche mais rápido e a enchente pode piorar.

Para esses bairros, o saneamento básico é muito importante, pois ajuda a reduzir os problemas e melhora a qualidade de vida das pessoas.



Saneamento básico

é o conjunto de cuidados que garantem que a cidade seja um lugar saudável para viver. Isso inclui:

Água limpa para beber, cozinhar e tomar banho.

Coleta e tratamento do esgoto, para que a água suja não volte para dentro das casas ou vá parar nos rios.

Coleta para o descarte e tratamento certo de restos de alimentos e restos de materiais de construção.

Cuidar do caminho da água da chuva, para que ela não cause enchentes.

Quando o saneamento básico não existe ou não funciona direito, aumentam os riscos de enchentes, doenças e mau cheiro.

Por isso, ele é um direito de todas as pessoas. Assim como o direito à moradia digna.





Para essas casas sem saneamento e em áreas de risco, o que fica depois que a água desce são paredes manchadas, cheiro de mofo e doenças que aparecem por causa da sujeira e dos bichos que a água trouxe.

Esse é um lado da inundação que quase não aparece: quando a água baixa, os problemas não acabam, eles apenas mudam de forma.



Em bairros construídos pelas próprias famílias, muitas casas estão em áreas de risco, sem proteção contra enchentes, com pouco acesso à saúde e quase nenhum apoio quando os problemas acontecem.

Muitas famílias não escolhem morar em lugares que têm risco de enchente ou outros problemas.

Na verdade, quase sempre elas vão para esses lugares porque não conseguem pagar uma casa em áreas mais seguras.

Às vezes, o dinheiro que ganham no trabalho não é suficiente para pagar um aluguel melhor ou até mesmo comprar comida e roupa boa para toda a família.

Isso não é por acaso:
é resultado da desigualdade social.



Esses bairros receberam menos atenção e oportunidades do governo, enfrentando **vulnerabilidades***.



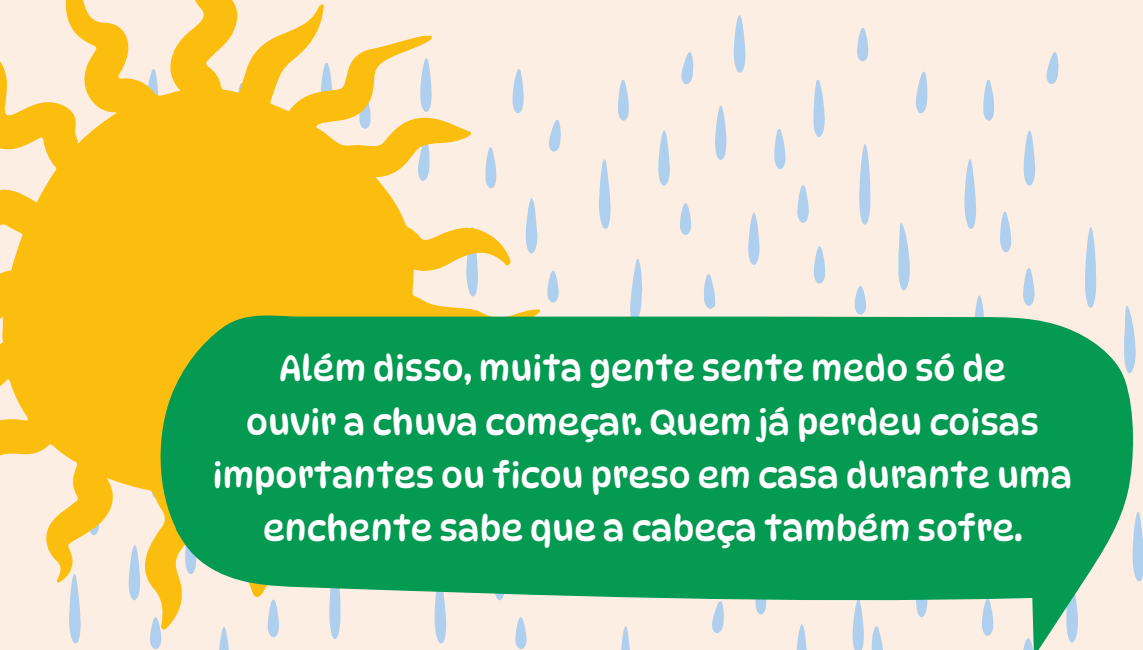
Enquanto isso os bairros menos **vulnerabilizados*** contam com saneamento básico, escolas e outros serviços que deveriam ser garantidos para todo mundo.

* Vulnerabilidades

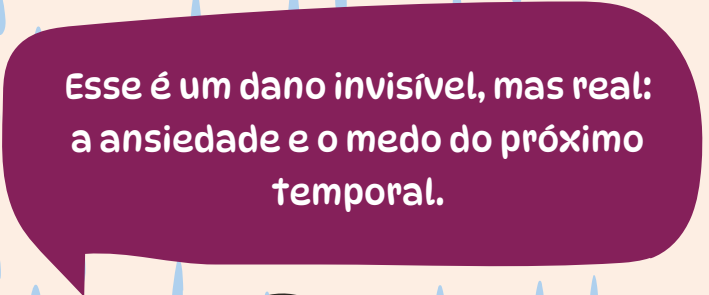
são as condições que deixam uma pessoa ou um bairro mais frágeis, como casas que podem cair com o vento ou a chuva, quando as pessoas não podem decidir o que é importante no seu bairro ou quando não têm dinheiro para melhorar suas casas.

* Vulnerabilizado

Um lugar é vulnerabilizado quando ele é deixado de lado pelo governo. Faltam coisas importantes como água, escola e saúde porque o governo não cuidou dos bairros de maneira que todos tenham as mesmas melhorias. Esses lugares não nasceram assim, eles se tornaram vulneráveis pela falta de cuidado.



Além disso, muita gente sente medo só de ouvir a chuva começar. Quem já perdeu coisas importantes ou ficou preso em casa durante uma enchente sabe que a cabeça também sofre.



Esse é um dano invisível, mas real: a ansiedade e o medo do próximo temporal.



Tudo o que conversamos até agora é muito sério. Estamos falando sobre uma **emergência climática**.

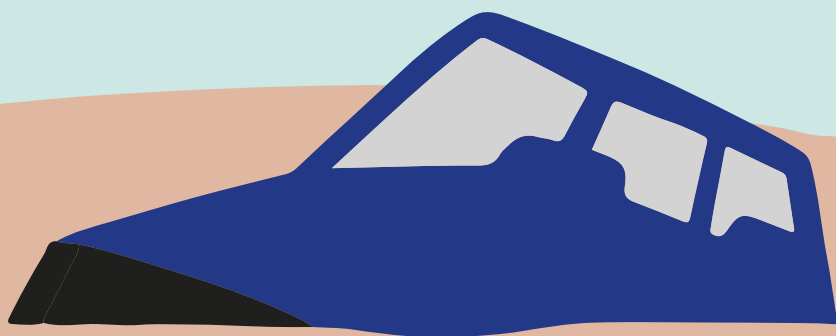
Emergência climática é quando as mudanças no clima estão acontecendo de forma rápida e causando muitos problemas para as pessoas e para a natureza.



No próximo capítulo você vai entender o que esta acontecendo com o nosso planeta!

2

POR QUE O CLIMA ESTÁ MUDANDO?



O clima não é mais o mesmo!
Água demais (alagamentos) ou água de menos (seca), calorão, doenças, perdas e danos.


O clima já não é mais como antes.

Em várias cidades, os cientistas observam que as temperaturas estão ficando mais altas e as noites mais quentes.

Em alguns momentos, faz calor extremo, que pode durar vários dias seguidos.

A chuva também mudou: agora cai de forma mais intensa, às vezes de uma vez só, e depois ficamos sem água por muito tempo.



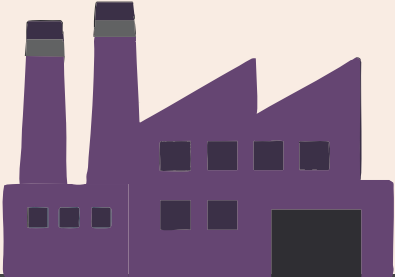
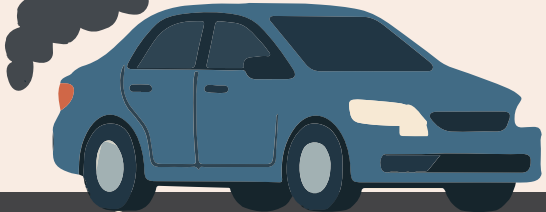
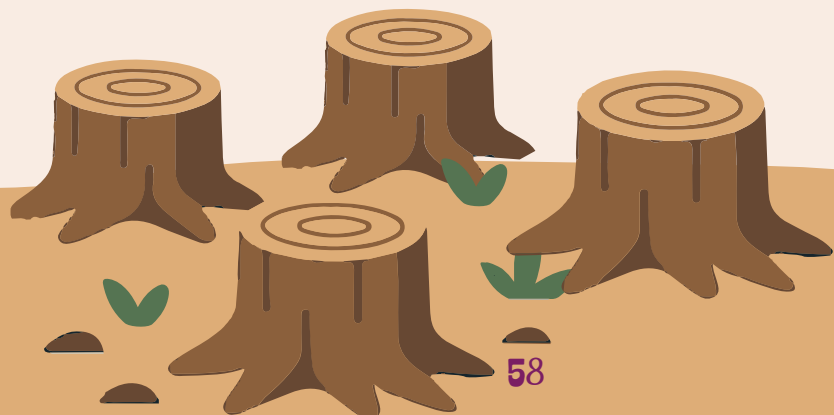


A mudança que
estamos vendo
NÃO é natural

Essas mudanças que causam a emergência climática acontecem, principalmente, por causa das atividades humanas.

As principais causas são:

- Queimar combustíveis, como carvão, petróleo e gasolina, para carros, aviões e fábricas funcionarem.
- Desmatar, ou seja, derrubar muitas árvores.
- Queimadas, que liberam muita fumaça e gases no ar.



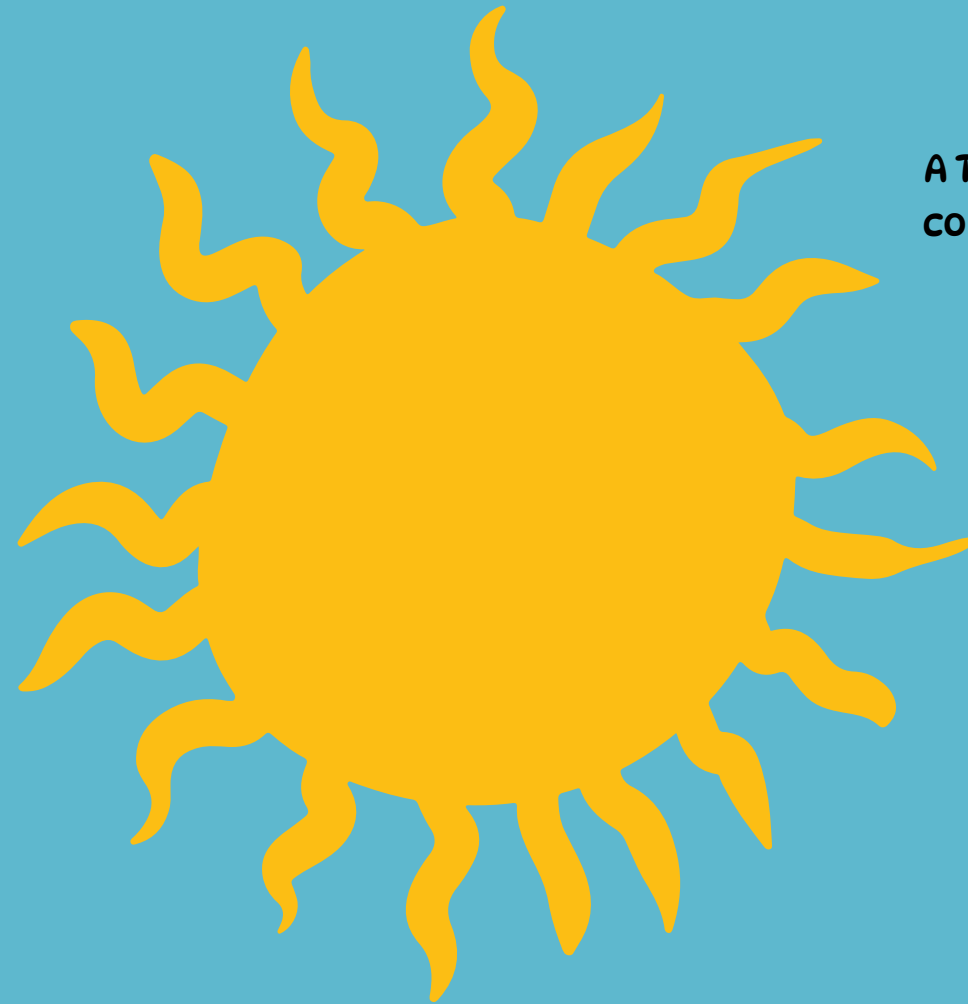
Quando isso acontece, mais gases ficam acumulados na atmosfera ao redor da Terra e ajudam a esquentar o planeta, como um cobertor.



O cobertor da Terra

O planeta é envolvido pela atmosfera, uma camada de ar formada por gases.

Essa camada funciona como um cobertor natural ao redor da Terra.



Mas, quando colocamos gases a mais na atmosfera, é como se o cobertor ficasse mais grosso.

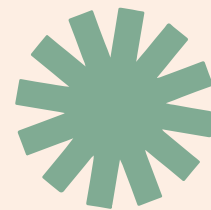
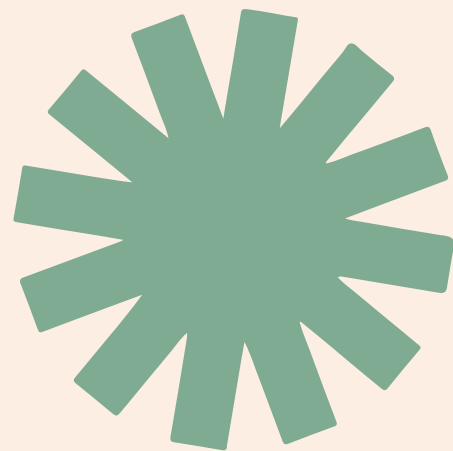
RESULTADO:

A Terra esquenta além da conta, como se você tivesse que dormir com um cobertor pesado no calor do verão.





Esse calor a mais altera o clima, fazendo chover de outro jeito, causando secas e tempestades mais perigosas.



Tudo fica diferente do que a gente estava acostumado e isso mexe com a vida de milhões de pessoas.



O calor que não dá trégua

E quando não é a chuva que atrapalha, é o calorão, também conhecido como **calor extremo*** ou **ondas de calor***.

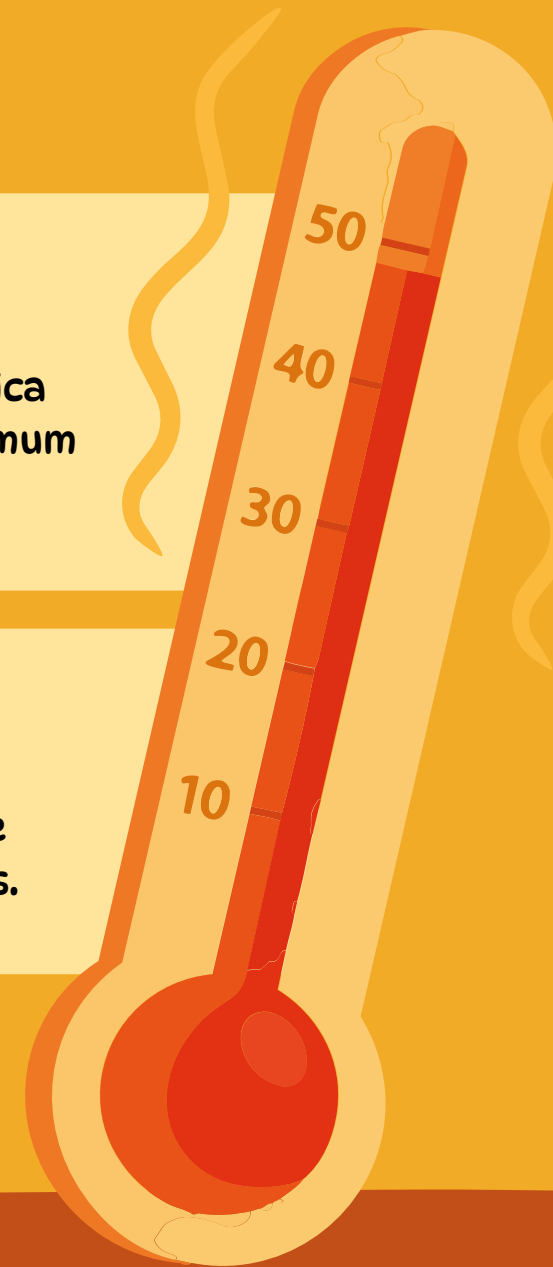
Nos últimos anos, a temperatura subiu tanto que andar na rua ou ficar dentro de casa parece um desafio.

Casas sem ventilação, viram verdadeiras “panelas de pressão”.



***CALOR EXTREMO**
É quando a temperatura fica muito mais alta do que é comum para aquele lugar.

***ONDAS DE CALOR**
É quando o calor fica muito acima do normal e dura vários dias seguidos.



O que acontece com o corpo no calorão?

Sensações no corpo



Dor de cabeça



Enjoo

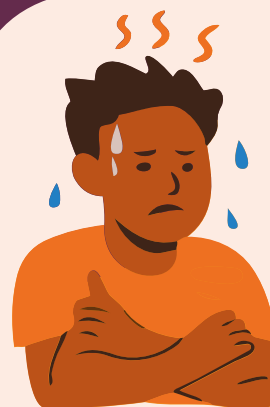


Fraqueza



Corpo muito quente

Comportamentos e emoções



Irritação



Impaciência



Confusão

Sinais de desidratação



Boca seca



Lábios rachados

Os efeitos do calor não são iguais para todo mundo.

Idosos, pessoas com problemas de saúde e crianças enfrentam mais riscos.

As crianças, em especial, são mais vulneráveis aos impactos da emergência climática, porque seus corpos ainda estão em desenvolvimento.



Esse calor excessivo pode causar problemas como desmaios, desidratação, insolação e irritações de pele.

Além disso, pode piorar doenças que a pessoa já tem, como asma, bronquite e outras doenças respiratórias.

Também pode agravar problemas como hipertensão e doenças do coração.

Você reparou que, até aqui, tudo o que conversamos tem a ver com perdas e danos? No próximo capítulo, vamos entender melhor o que isso significa.

3

QUAIS SÃO AS PERDAS E OS DANOS?



Perdas e danos?

Chamamos de “**perdas e danos**”: quando algo importante é perdido ou estragado e nem sempre dá para consertar ou trazer de volta.

Qual a diferença entre perdas e danos?

PERDAS:

É o que vai embora e não volta, como lembranças, fotos, documentos.

DANOS:

São os estragos que ficam (paredes manchadas, móveis quebrados, doenças etc.).

Como já vimos, a emergência climática não acontece em um único lugar. Ela aparece em diferentes pontos do planeta, afetando comunidades cheias de vida e de histórias, causando perdas e danos de diferentes formas.



Chuva e calor também pesam no bolso



Quando chove forte, muita gente não consegue trabalhar. Quem vende comida na rua, por exemplo, perde o dia de vendas.

Quem depende de algum meio de transporte, às vezes nem consegue sair de casa para trabalhar.

Resultado: menos dinheiro entrando, mais dificuldades para pagar contas e comprar o básico.

**ALERTA
DA DEFESA
CIVIL**

FECHADO



Danos invisíveis

Não é só a casa ou os móveis que se perdem numa enchente. Muitas vezes, o que vai embora são também as memórias que fazem parte da nossa vida.

Como quando uma família perde a casa onde viveu por muitos anos, cheia de histórias e lembranças.

Junto com ela, podem se perder álbuns de fotografias, retratos de família e objetos que guardavam pedaços do tempo vivido.



Ou quando uma árvore querida do bairro cai numa tempestade.

Pode ser o campinho onde todos brincavam, mas que ficou alagado, ou um amigo que precisa se mudar porque a enchente levou a casa dele.



Até festas e encontros importantes do bairro podem deixar de acontecer por causa das chuvas.

Essas também são perdas e danos. Não dá para medir em dinheiro, mas pesam no coração da comunidade.

Moradia para além do teto

É importante entender que casa não é só um teto. É o lugar onde temos um lar, convivemos com os vizinhos, onde podemos manter a rotina de ir para a escola e ter um lugar por perto para brincar.



É ter condições de manter as relações com as pessoas, com os parentes, os colegas e os amigos do bairro. É manter os vínculos com os lugares, como a escola, praças e parques.

Identidade territorial

Outra coisa que aumenta a dificuldade é que, muitas vezes, ninguém vê ou reconhece quais bairros estão sendo afetados e o que está acontecendo com eles.

Esses lugares, onde tantas crianças vivem e crescem, nem sempre aparecem nos mapas ou nos estudos feitos pelo governo. E, quando não são vistos, seus problemas também não são, fazendo com que a ajuda demore ou nem chegue a quem mais precisa.

É como se essas comunidades fossem invisíveis, mesmo estando cheias de vida e de histórias.

E, quando há ajuda, ela quase sempre demora a chegar ou não é suficiente.

Enquanto isso, as famílias se viram como podem, contando umas com as outras, emprestando baldes, comida, um canto para dormir.

Essa rede de solidariedade é a força que mantém o bairro de pé, mas não deve ser a única resposta.



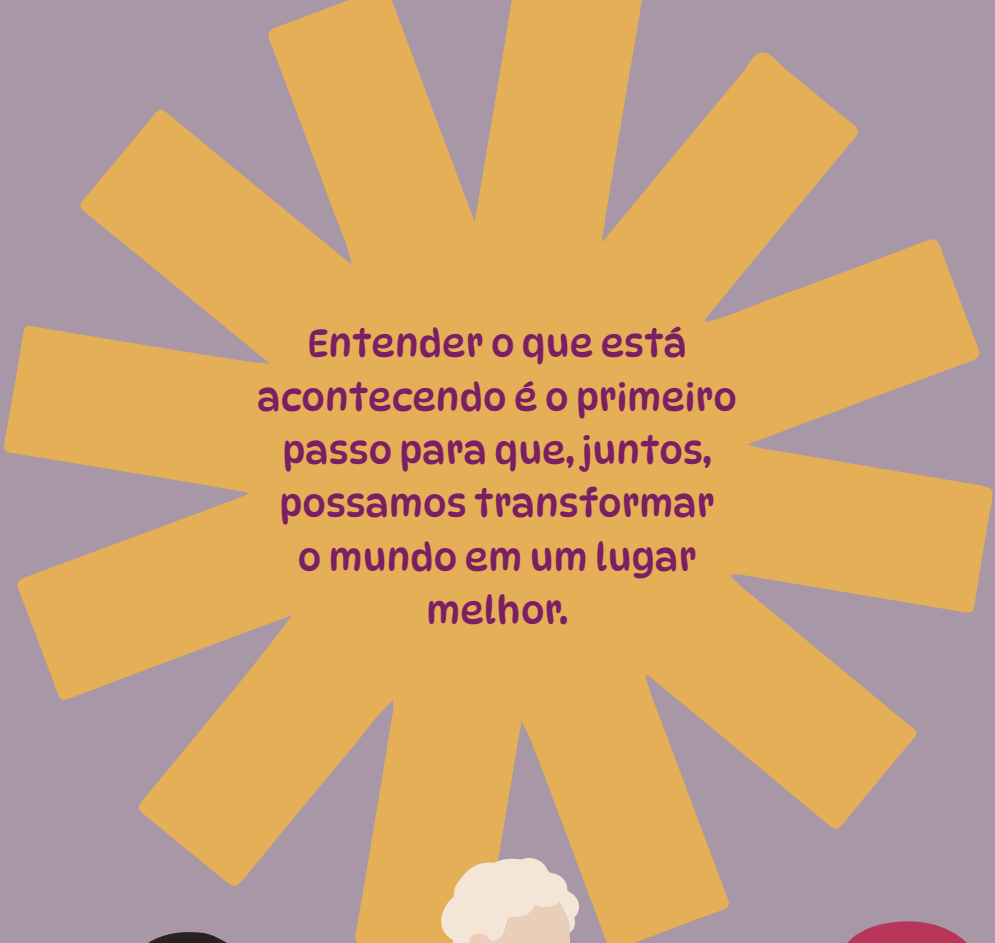
Mas o mais importante é que existem caminhos para cuidar da nossa comunidade, com **justiça climática**.



Justiça climática é entender que existem pessoas e territórios que sofrem mais com os efeitos das mudanças do clima e que, por isso, devem ser priorizados.

É reconhecer também as vulnerabilidades históricas que atingem, em grande parte, populações negras, indígenas e outros grupos que, por muito tempo, foram excluídos nas leis e *políticas públicas, promovendo, assim, um meio ambiente mais equilibrado e um mundo mais justo.

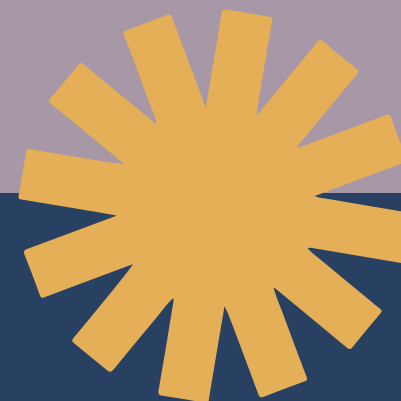
* Políticas públicas são como um conjunto de ações organizadas pelos governos para ajudar as pessoas a viver melhor. Elas reúnem ideias, planos e atitudes que garantem coisas importantes para todos, como escola, saúde, segurança e um lugar bem cuidado para viver.



Entender o que está
acontecendo é o primeiro
passo para que, juntos,
possamos transformar
o mundo em um lugar
melhor.



No próximo capítulo,
vamos conhecer o que os
moradores desses lugares
estão fazendo para
transformar seus bairros.



4

HISTÓRIAS DAS COMUNIDADES

Jardim Pantanal
São Paulo, Brasil

Kibera
Nairóbi, Quênia

Kalibaru
Jacarta, Indonésia





Jardim Pantanal, Kibera e Kalibaru

Esses três bairros ficam em partes diferentes do mundo, mas têm muito em comum: são lugares cheios de cultura, de formas de viver e de trabalhar que se reinventam todos os dias. Ao mesmo tempo, estão entre os lugares mais afetados pela crise climática.

Ali, o que mantém tudo de pé não é apenas a estrutura do bairro, como as casas e os comércios, mas também as redes de apoio.

Famílias compartilham e vizinhos emprestam o que têm. Crianças crescem juntas brincando e aprendendo.

É nessa força coletiva que a vida acontece, apesar dos desafios.

São territórios de famílias trabalhadoras que, mesmo enfrentando dificuldades e recebendo pouca ou nenhuma ajuda do governo, criam soluções para viver com dignidade.

São lugares onde a solidariedade é rotina e onde a comunidade encontra maneiras de seguir em frente.



Vozes do Jardim Pantanal

São Paulo, Brasil

No **Jardim Pantanal**, as enchentes são rápidas e frequentes.

As crianças sabem bem: às vezes a escola fecha, a brincadeira na rua não acontece e tudo acaba molhado.



S.O.S
JARDIM
PANTANAL

“

Antes, chovia o mês todo pra alagar a comunidade.

Hoje não é mais assim. Às vezes, uma chuva de apenas 20 minutos é tão forte que nos assusta, nos assombra e acaba causando um grande transtorno.

”

moradora do Jardim Pantanal





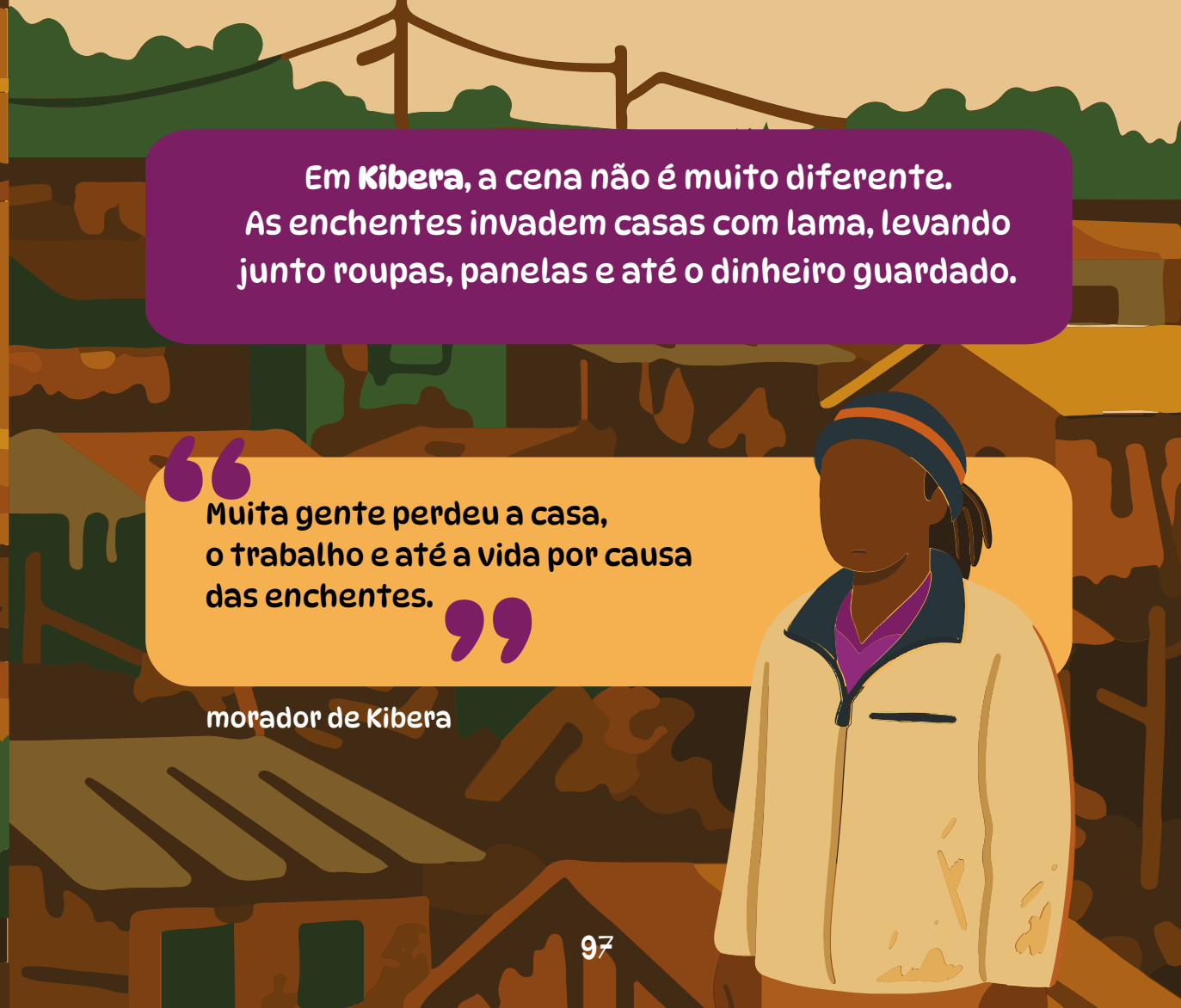
Vozes de Kibera

Nairóbi, Quênia

Em Kibera, a cena não é muito diferente. As enchentes invadem casas com lama, levando junto roupas, panelas e até o dinheiro guardado.

“Muita gente perdeu a casa, o trabalho e até a vida por causa das enchentes.”

morador de Kibera



O **aumento do nível do mar** é quando o mar vai subindo aos poucos e começa a invadir lugares onde antes não chegava. Como o planeta está ficando mais quente, parte do gelo das montanhas e das grandes regiões geladas da Terra começa a derreter. Essa água vai para o mar e, além disso, a água do oceano se expande quando esquenta. Com isso, o nível do mar sobe aos poucos e, assim, praias, vilas e até cidades próximas ao mar podem sofrer mais com alagamentos.

Vozes de Kalibaru

Jakarta, Indonésia

Em Kalibaru o maior desafio não é só a chuva, mas também o mar. Quando a maré sobe, a água invade as casas e destrói tudo no caminho. Muitas famílias já tiveram que reconstruir suas casas mais de uma vez.

“

Quando vinha a maré alta, as casas sumiam. Como eram destruídas, o governo começou a fazer diques. [...] Graças a Deus, isso ajudou o pessoal daqui. Mas, todo ano, sempre acontece uma erosão. Depois disso, a gente constrói de novo.

”

Trabalhador da casa de bombas em Kalibaru

99

Diferentes lugares, mesmas lutas

São bairros construídos pela comunidade, que muitas vezes não aparecem nos mapas oficiais e que ficam esquecidos pelos governos.

Mesmo assim, são lugares cheios de vida, criatividade e solidariedade. A cada enchente ou calorão, surgem novas formas de cuidar uns dos outros. Isso mostra que, apesar das perdas, as comunidades não desistem.

Jardim Pantanal, Kibera e Kalibaru estão em continentes diferentes, mas compartilham situações parecidas.



Essas histórias ensinam que ninguém está sozinho.

Quando uma criança do **Jardim Pantanal** lê sobre outra criança em **Kibera** ou **Kalibaru**, descobre que os problemas não são só nossos.

As soluções que nascem nas comunidades são muito importantes. Mas também são necessárias mudanças maiores. Essas mudanças precisam ser feitas por quem tem poder de decisão, como governos e instituições. Assim, todos os bairros podem ter os mesmos direitos.

Conhecer outras histórias inspira, ajuda a gente a se unir e levantar a voz juntos, pra transformar o mundo de forma justa.

5

AS COMUNIDADES COMO PARTE DA SOLUÇÃO



**Mesmo com tantos desafios,
as comunidades não param.**

Quando desastres acontecem, muitas vezes a resposta começa antes mesmo da chegada do poder público. A comunidade se organiza e se apoia: compartilha o que tem, arrecada doações, distribui mantimentos, oferece abrigo, cuida das crianças e das pessoas idosas.

“ Quando a chuva entrou em casa, minha vizinha guardou minhas coisas na casa dela. A gente ajudou um ao outro e ninguém ficou sozinho. ”

adolescente do Jardim Pantanal

Mas não é justo que vizinhas e vizinhos tenham que enfrentar sozinhos as perdas e os danos. A solidariedade é essencial no apoio de emergência, mas ela não substitui políticas públicas consistentes. Essas políticas são importantes para prevenir riscos, reduzir vulnerabilidades e garantir proteção e direitos para todas as pessoas.

Soluções que já existem

Além da ajuda entre vizinhos, muitas comunidades já estão criando soluções coletivas:



Mutirões para limpeza



Áreas verdes e hortas comunitárias que seguram parte da água da chuva e refrescam o bairro



Organizações locais que lutam por ruas melhores, casas seguras e mais saúde para todos



Mapas feitos pela própria comunidade mostrando pontos de risco e locais de apoio

Campanhas educativas sobre reciclagem, clima, meio ambiente e como agir nas inundações



Parcerias com ONGs e universidades para pensar em casas mais seguras e fortalecer direitos



Esgoto, resíduos e drenagem

Os resíduos precisam ter destino certo.

A compostagem pode transformar restos de comida em adubo para as plantas.

Recicláveis, como garrafas, latas e vidros, devem ser separados.

E os entulhos e outras sobras de materiais precisam de tratamento adequado para não poluir o bairro.

E quando esses resíduos não são separados e acondicionados adequadamente, os impactos causam mais prejuízos aos moradores.



O esgoto precisa ser tratado para não voltar para dentro de casa com a água da chuva.

O manejo de águas deve ser pensado para cada bairro, respeitando o modo como as famílias construíram suas casas.

Esses cuidados não são só do poder público, são da comunidade também.

Direitos que precisam ser respeitados

Por isso, os governos têm uma responsabilidade muito grande: precisam proteger os bairros populares e garantir apoio na prevenção e nas respostas aos desastres.

Cada criança tem direito de viver em segurança, com saúde, educação e lazer.

E deve ser tratada como prioridade absoluta na proteção, no cuidado e nas decisões que organizam a vida em sociedade.

Quando os impactos da emergência climática danificam casas, trazem doenças ou fazem a escola fechar, esses direitos estão sendo desrespeitados.



Isso não é só um problema de cada bairro, é uma tarefa coletiva. Governos, organizações e movimentos sociais devem agir juntos para enfrentar as perdas e os danos.

Justiça climática é direito de todos!
Isso significa que ninguém pode ser deixado para trás. Os governos precisam ouvir as comunidades, apoiar quem é mais impactado e garantir que crianças e adolescentes tenham um futuro digno.

Caminhos para um futuro melhor

Quando a comunidade participa e se organiza, consegue mais apoio e abre novos caminhos:



Cobrar os governos e a justiça por políticas públicas de qualidade;



Organizar associações e coletivos que fortaleçam a voz do bairro;



Trocar experiências com outras comunidades do mundo, mostrando que os desafios e as soluções são locais e globais;



Sonhar e atuar juntos: planejar um bairro com ruas seguras, praças verdes, escolas e casas protegidas;



Participar de conselhos de escola e grêmios, discutindo os problemas da comunidade, propondo soluções e cobrando ações do poder público.



Reunir informações sobre o lugar onde vivem para ajudar o governo a criar políticas públicas que melhorem a realidade da comunidade.

As mudanças do clima trazem perdas e danos, mas também revelam a força da comunidade. O futuro não está dado: ele pode ser transformado quando vizinhos, governos e o mundo todo se unem.

O problema é global e a potência de transformação cresce quando os territórios se unem!



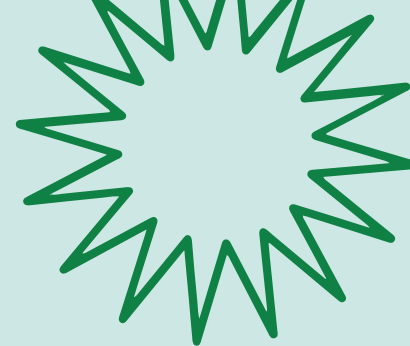
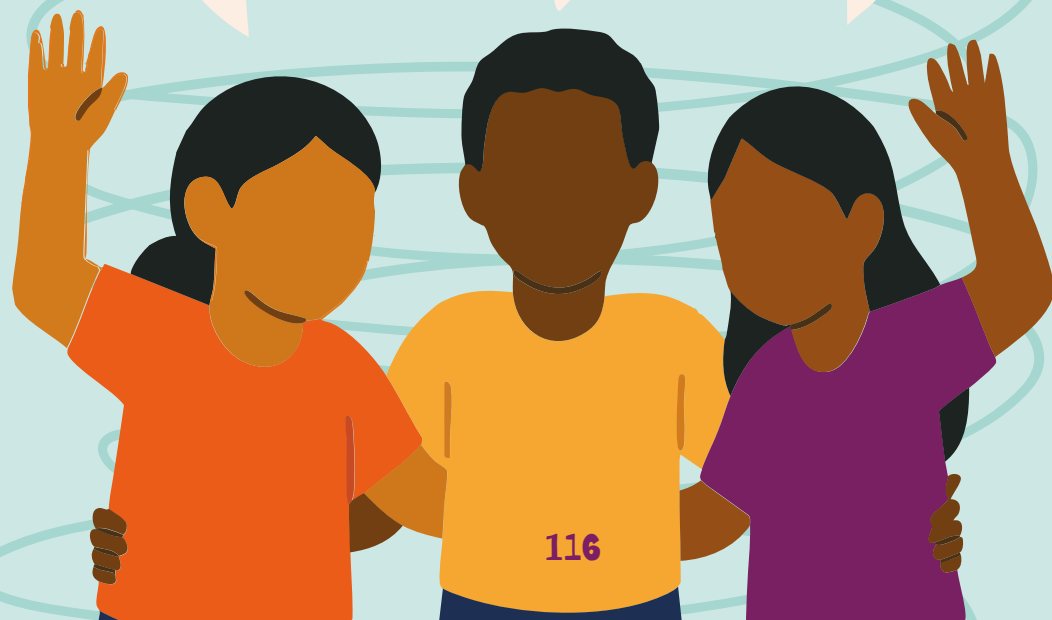
Você também faz parte disso!

Cuidar do bairro, participar das soluções, cobrar direitos e acreditar que o futuro pode ser melhor são jeitos de transformar o mundo.

O que une todas essas comunidades é a capacidade de resistir, de apoiar vizinhos e de cobrar mudanças maiores.

É a certeza de que **cada criança, onde quer que esteja, é prioridade absoluta e tem direito de viver em um lugar seguro, com saúde, esperança e dignidade.**

E, quando caminhamos juntos, transformamos cuidado em força e esperança em futuro.



Quer **saber** mais?



Acesse o relatório original na íntegra por meio deste QR code. Lá você encontrará informações mais detalhadas sobre perdas e danos causados pelas mudanças do clima nas comunidades que conhecemos aqui, aprofundando o que foi apresentado ao longo do livro.



“**Cuidar do território é reconhecer as vidas que nele persistem, as histórias e saberes que nele residem, afirmando que nenhum mundo se constrói deixando alguém de fora. É, antes de tudo, um compromisso com o comum, com a dignidade e com a justiça. Porque, como nos lembra Paulo Freire, ‘ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo’.**”

(Marcia Covelo Harmbach)



Iniciativa



URBANIZAR

Apoio



UNU
EHS



ISBN: 978-65-88653-41-8

CD



9 786588 653418

